Dia 5 — O Beato Pedro de Luxemburgo, Confessor, e o Beato Miguel dos Santos

A ilustre casa de Luxemburgo, tão conhecida na Europa por ter dado cinco imperadores ao Ocidente, muitos reis à Hungria e à Boêmia, uma rainha à França, e por seu enlace com a augusta casa de Bourbon, viu-se mais que nunca esclarecida no século décimo quarto pelo nascimento do bem-aventurado Pedro de Luxemburgo, cuja memória consagrou para sempre a santa Igreja.

Nasceu no dia 20 de julho de 1369 em Ligny, cidade pouco populosa da Lorena, na diocese de Toul.

Foi Pedro o quinto dos filhos que teve Guido de Luxemburgo, conde de Ligny, e Matilde, ou Mahaut, de Châtillon, condessa de Saint-Pol; mas sua mãe o amou com tão particular ternura que ela mesma quis criá-lo a seus peitos e até havia determinado cuidar ela só de sua educação, se Deus não o tivesse disposto de outra maneira, levando-a para si quando o menino não tinha mais que três anos. Mas, como o Senhor tinha destinado Pedro para tão altos fins, dispôs que sua tia, a condessa de Orgières, senhora não menos virtuosa que sua mãe, se encarregasse da criação do menino. Escolheu-lhe excelentes mestres, que tiveram pouco que fazer, porque sua nobre índole e seu desembaraçado entendimento lhes pouparam muitas lições. Era por outra parte de inclinações tão piedosas que parecia ter-se antecipado a virtude à razão. Aos seis anos de idade fez voto de castidade e a uma irmãzinha sua, que tinha doze, persuadiu-a a que fizesse o mesmo voto. Seu amor à oração, sua modéstia na igreja, sua terna devoção à Santíssima Virgem e sua caridade com os pobres mereceram-lhe desde então o renome de santo.

Parece que não podia subir mais de ponto esta última virtude. Sendo de apenas sete ou oito anos, era todo o seu desvelo socorrer os necessitados. Nenhum pobre chegava à porta de sua casa enquanto estavam comendo, com quem não repartisse o que lhe serviam em seu prato. Valia-se de mil indústrias para ter com que dar esmola, e, quando se lhe acabava o cabedal, furtava quanto podia para socorrê-los. Informado o conde, seu pai, destes piedosos furtos, deu muitas graças a Deus por lhe ter concedido um filho de tão cristãs como nobres inclinações; e até se assegura que Deus autorizou sua caridade com vários prodígios, de que foi testemunha o mesmo conde.

Aos doze anos o enviaram a Paris para continuar os estudos; e, como era de tão excelente engenho, distinguiu-se muito, assim nas letras humanas como na filosofia. Aplicou-se depois ao direito canônico, que naquele tempo era muito cultivado pelos que se dedicavam ao estado eclesiástico. Fez nele tão assombrosos progressos que já em tão terna idade foi venerado como um

milagre de virtude e de sabedoria. Dois desgraçados sucessos interromperam seus estudos: a morte de seu pai e o acidente de seu irmão mais velho, o conde de Saint-Pol, que, numa batalha que perderam os franceses, foi feito prisioneiro pelos ingleses. Imediatamente foi o santo menino a Calais, onde ficou em refém por seu irmão enquanto este ia recolher a quantia que lhe haviam pedido por seu resgate. Enamorados os ingleses da virtude e das prendas de seu novo prisioneiro, cobraram-lhe tanto amor e tanto respeito que o puseram logo em liberdade, sem querer mais segurança que a de sua palavra; e, informado o rei da Inglaterra, Ricardo II, do mérito de nosso santo, fez quanto pôde para retê-lo perto de si; mas Pedro, logo que se viu livre, voltou a Paris para continuar seus estudos.

Cobrou novas forças seu fervor quando se viu naquela cidade; dobrou suas penitências, e cada dia se ia tornando mais e mais visível sua virtude. Havia alguns anos que o célebre Filipe de Maizières, antigo chanceler dos reinos de Jerusalém e de Chipre, desenganado das grandezas humanas, vivia retirado do mundo no convento dos Celestinos de Paris, onde, sem a obrigação dos votos nem a profissão do hábito, levava uma vida muito exemplar e verdadeiramente religiosa. Movido da reputação daquele ilustre solitário, foi vê-lo Pedro de Luxemburgo. Na primeira conversação descobriu Filipe o rico tesouro de graças que se ocultava na alma daquele jovem, e a uniformidade de máximas formou imediatamente uma amizade muito estreita entre os dois grandes servos de Deus. Admirava Filipe a inocência e a sobressalente virtude de Pedro de Luxemburgo, e aproveitava-se este das lições que Filipe lhe comunicava sobre o exercício da oração e sobre os diferentes caminhos da vida espiritual.

Eram os únicos pensamentos de Pedro adiantar-se cada dia mais no caminho da perfeição, muito alheio de pensar em ascender às dignidades da Igreja, quando sua família lhe solicitou um canonicato na catedral de Paris. O novo emprego só serviu para que se considerasse mais obrigado a dar maior impulso aos esforços de seu fervor, sendo sua modéstia, sua compostura, sua indefectível assistência a todas as horas do coro e a inocência de seus costumes o modelo mais perfeito de cônegos santos e a admiração de toda a cidade, onde se tornou muito mais respeitável por sua humildade que por seu elevado nascimento e pelas demais raras virtudes. Negou-se a levar a cruz em certa procissão solene um simples clerigozinho, de pais muito humildes, parecendo-lhe a seu orgulho exercício de pouca estima; tomou-a logo nosso jovem cônego e levou-a com tanta devoção que assombrou a todo Paris, com edificação e com aplauso geral de sua modéstia.

A fama de tão singular virtude e de tão extraordinário mérito fez tanto ruído no mundo que penetrou até as cortes estrangeiras. Despedaçava então a Igreja de Deus um longo e funesto cisma. Clemente VII, reconhecido na França por legítimo pontífice, residia em Avinhão e, informado da eminente santidade do terno cônego de Paris, fê-lo arquidiácono de Dreux e quase ao mesmo tempo o nomeou para bispo de Metz, sem reparar em sua cortíssima idade, pois contava apenas quinze anos; porque o papa creu dever dispensar nas leis comuns da Igreja com quem Deus havia feito tão superior às ordinárias da natureza. Apesar de suas representações e de toda a sua resistência, viu-se obrigado a obedecer. Foi ordenado sacerdote e sagrado bispo de Metz, mostrando desde logo que, se a dignidade era muito superior a seus anos, sua virtude era muito superior à dignidade. Mostrou em toda a sua conduta ser um pastor consumado para o ministério, crendo todos que viam um anjo quando se deixava ver em público, e falava-se da sabedoria

daquele prelado menino com uma espécie de admiração, muito parecida à que causou o Menino Jesus na idade de doze anos.

Por imitar em tudo seu divino Mestre, fez sua entrada pública em Metz como a fez o Salvador em Jerusalém, montado num humilde jumento, não admitindo outra pompa que a de fazer copiosas esmolas aos pobres, nem mais aparato que o da modéstia e da piedade.

Desde que tomou posse do bispado, dedicou-se ao cumprimento de todas as suas obrigações com um fervor e uma intenção verdadeiramente assombrosa. Deu princípio pela visita geral de toda a diocese, e fê-la com tanta felicidade que restituiu a fé a sua pureza, a disciplina a seu vigor, e corrigiu abusos que, com o transcurso dos anos, aspiravam à prescrição.

Enquanto se afanava tão ditosamente por santificar os demais, estava muito distante de descuidar-se da santificação de si mesmo; e, quando dedicava seus desvelos ao maior bem do rebanho, não perdia de vista a perfeição que devia resplandecer no pastor. Não podia ser maior sua delicadeza de consciência; confessava-se todos os dias, e muitos dias duas vezes. Nunca perdia Deus de vista, estando em sua presença tão frequentemente que se podia dizer que era toda a sua vida uma contínua oração, que apenas interrompia seu curto sono. O tempo que não dedicava a aliviar as necessidades espirituais de seu povo empregava-o todo na oração e no estudo, negando-se até às mais lícitas e honestas diversões. Suas rendas as consumiam quase inteiramente os pobres e a Igreja, reservando-se a menor parte delas, não para viver, mas para não morrer de fome; porque os jejuns de preceito fazia-os todos a pão e água, e com o mesmo rigor jejuava todo o advento e todas as segundas, sextas e sábados do ano. As penitências do corpo excediam o rigor de seus jejuns; e embora não parecesse possível maior inocência, é indubitável que sua extremada penitência encurtou os dias de sua preciosa vida. Deu-lhe muito que padecer o sedicioso alvoroço de seus diocesanos, que, contra sua autoridade, nomearam por si mesmos juízes e magistrados. Humilhava-se diante de Deus, e serviu-lhe de grande mortificação ver que seu mesmo irmão, o conde de Saint-Pol, tomou as armas e saqueou muitos lugares das cercanias de Metz: o santo bispo carregou com todos os danos, reparando com suas próprias rendas quantos o conde havia feito; generosa caridade que acabou de ganhar-lhe todos os corações.

Achava-se ainda em Avinhão, no ano de 1386, o papa Clemente VII e, movido do muito que ouvia dizer acerca da eminente santidade do jovem bispo de Metz, criou-o cardeal do título de São Jorge ao Velabro, mandando-o assistir junto a sua pessoa para edificar com seus grandes exemplos toda a corte eclesiástica. Reconhecia-o nosso santo, como também toda a França, por legítimo pontífice, em cuja consideração se julgou obrigado a obedecer. Chegou o novo cardeal à corte de Avinhão, onde acreditou com sua presença que tudo o que havia publicado a fama acerca de sua heroica virtude era muito inferior ao que fazia ver a experiência. A nova dignidade só serviu para acrescentar mais esplendor a suas virtudes e para que o santo se entregasse a novas penitências, não se contentando com as ordinárias. Informado o papa disto, e conhecendo de quanta importância era para o bem da Igreja universal a conservação daquela preciosa vida, advertiu-lhe muitas vezes que moderasse suas excessivas austeridades; e, sabendo que cada dia se ia debilitando mais e mais sua saúde, proibiu-lhe absolutamente a maior parte de suas penitências; ao que respondeu o santo cardeal: «Santíssimo Padre, eu sempre serei um servo inútil; mas ao menos saberei obedecer.»

Mas, como o papa não lhe proibiu que moderasse as esmolas, pareceu-lhe que o que perdia pelo lado da penitência devia resgatá-lo pelo da caridade. Era singular sua ternura com os pobres, e todo o seu gosto era parecer-se com eles; tendo-lhes dado suas rendas, seus móveis e seu equipamento, vendeu o anel episcopal para socorrê-los. Tudo quanto se via no cardeal respirava pobreza e publicava o extraordinário amor que lhe professava; de maneira que, quando morreu, só se acharam uns quarenta quartos em suas gavetas.

À medida que cada dia se debilitava mais sua saúde, crescia mais sua devoção, sua ternura e seu abrasado amor para com Deus. Indo um dia de seu palácio à igreja de São Pedro de Avinhão, foi arrebatado em êxtase, com o semblante aceso, os olhos imóveis e fixos no céu, despedindo de todo o seu corpo um resplendor extraordinário. Levaram-no em braços seus criados à casa mais próxima, que se crê foi o hospital de Santo Antão, onde esteve mais de meia hora sem voltar do arrebatamento. Em outra ocasião, passando de Avinhão a Châteauneuf-du-Pape, teve outro semelhante. Tem-se por certo que lhe apareceu o Salvador no caminho, cuja visão o tirou tão fora de si que, suspensa a função dos sentidos, prostrou-se em terra no meio de um lamaçal, de onde o levantaram sem que se descobrisse nem a mais mínima mancha no vestido. Foram testemunhas desta maravilha o mesmo papa e todos os da comitiva. O êxtase foi longo, e na igreja colegiada de Nossa Senhora de Autun vê-se uma antiga pintura do santo que representa este sucesso, com estas palavras que lhe eram muito familiares: «Desprezo do mundo, desprezo de si mesmo, desprezo do mesmo desprezo, e a ninguém desprezar senão a si só.»

Era muito de desejar que uma vida tão santa tivesse sido mais longa; mas o Senhor apressou-se em recompensar uns merecimentos tão extraordinários e uns dias tão cumulados. Dez meses depois de sua promoção ao cardinalato, caiu gravemente enfermo, degenerando a febre numa febrezinha lenta que o ia consumindo. Fizeram-no mudar de ares e conduziram-no a Villeneuve, na outra margem do Ródano. Nunca manifestou mais sua devoção que no tempo de sua enfermidade. Todos os dias rezava o ofício divino, confessava-se duas vezes ao dia e cada dia comungava para acrescentar novas forças a seu fervor com o pão da divina Eucaristia. Conforme se ia aproximando de seu ditoso fim, ia crescendo sua íntima união com Deus e sua terna devoção à Santíssima Virgem. Foi visitá-lo um de seus irmãos, que com o tempo foi bispo de Cambrai; falou-lhe o santo com tanta energia e com tanta moção da vaidade do mundo e das vantagens da vida santa e perfeita que, imprimindo-se-lhe indelevelmente na alma estes salutares conselhos, foi depois um dos prelados mais exemplares. Recomendou-lhe muito particularmente sua querida irmã Joana de Luxemburgo, aquela mesma a quem havia persuadido que fizesse voto de castidade e que toda a vida foi um perfeito modelo de virgens cristãs, à qual enviou também um tratado da perfeição, que determinadamente havia composto para ela. Conhecendo que se lhe iam acabando as forças, recebeu os últimos sacramentos com indizível fervor; chamou depois todos os seus criados, que se desfaziam em lágrimas; pediu-lhes perdão do mau exemplo que lhes havia dado, tratando-os talvez com menos caridade do que devera; obrigou-os a dar-lhe palavra de fazer o que lhes pedisse; todos responderam que obedeceriam; mas ficaram assombrados quando lhes mandou que tomassem na mão umas disciplinas que tinha debaixo da cabeceira e que um depois do outro o fossem açoitando nas costas, em castigo (acrescentou) de ter-vos tratado como criados, sendo assim que éreis meus irmãos. Por mais súplicas, instâncias e rogos que lhe fizeram, por mais lágrimas que derramaram para que os dispensasse naquela ação, foi-lhes preciso dar-lhe gosto. Concluído um ato de tanta humilhação, quis que o deixassem a sós com seu Deus; e, enfim,

consumido mais pelo fogo do divino amor que pelo da febre lenta, rendeu sua inocente alma ao Criador no ano de 1387, aos dezoito de sua idade.

Quando Clemente VII soube de sua morte, não pôde conter as lágrimas. «Esta ditosa alma (exclamou) aplacará a cólera do céu e nos alcançará a paz da Igreja.» Passou em pessoa a Villeneuve a beijar seu santo corpo e foi testemunha do celestial odor que exalava, enchendo de fragrância todo o quarto. De Villeneuve foi conduzido a Avinhão sem pompa nem aparato, como ele mesmo havia mandado, e deu-se-lhe sepultura no cemitério de São Miguel, onde depois se fundou a igreja e convento de padres celestinos, que possuem até hoje o inestimável tesouro de suas relíquias.

Foram tantos e tão estupendos os milagres que obrou Deus por sua intercessão antes de ser enterrado, e depois em sua sepultura, que há poucos bem-aventurados cuja santidade tivesse querido declarar o céu de um modo mais autêntico. Em virtude disto, apenas morreu, ergueu-se uma magnífica capela no lugar de seu sepulcro, apressando-se tanto o zelo e a devoção que se diz que entregaram suas joias as damas de Avinhão para que quanto antes se concluísse a obra; e foi tão grande a veneração de todo o povo pelo santo corpo que o quarteirão da cidade onde descansam suas preciosas relíquias se chama até hoje o Quarteirão Santo. Constam até 2400 milagres nos registros que conserva o arquivo dos padres celestinos, mas o mais célebre de todos foi o que sucedeu no ano de 1432.

Um menino de dez a doze anos subiu à torre mais alta do palácio de Avinhão para apanhar um ninho de pássaros; estendeu tanto o corpo para alcançar o ninho que, perdendo o equilíbrio, caiu precipitado do mais elevado da torre e deu sobre a ponta de um penhasco, onde se fez em pedaços tão horrorosamente que se espalharam os miolos por todas as partes e todo o corpo ficou dividido em troços. Concorreu toda a cidade a tão lastimoso espetáculo, cuja vista encheu de horror a todos e a cada um. Informado o triste pai do menino de tão desgraçado sucesso, põe-se logo de joelhos e, desfeito em lágrimas, levanta os olhos e as mãos ao céu, dizendo: «Monsenhor São Pedro de Luxemburgo, amparai-me.» Levanta-se cheio de fé e de confiança, corre ao lugar onde estava o corpo de seu filho, recolhe os pedaços espalhados pelo chão e o sangue derramado com a mesma terra que estava empapada dele, mete tudo num saco, e ele mesmo leva o saco com aqueles tristes despojos e o coloca sobre o sepulcro do santo, em cuja proteção, depois de Deus, tinha toda a sua confiança; e roga à multidão que o seguia que junte suas orações às suas, e acodem os padres celestinos a cantar a oração do bem-aventurado Pedro. Unidas assim as orações de todos, com um prodígio jamais ouvido até então, veem todos os circunstantes que o menino começa a mover-se dentro do saco e ouvem uma voz do menino, como se estivesse no alto da torre, que dizia a um companheiro seu: «Estêvão, apanha o ninho, que já caiu embaixo.» Faltou pouco para que afogasse o menino ressuscitado a pressa que todos tinham em vê-lo, e foi preciso colocá-lo de pé em cima do altar para satisfazer a curiosidade do concurso. Uma maravilha tão extraordinária, sucedida à vista de toda a cidade, aumentou a devoção do povo a nosso beato; e, como sucedeu no dia 5 de julho, fixou-se para este dia sua festa, que todos os anos se celebra em Avinhão com pompa e com solenidade, especialmente depois que o verdadeiro papa Clemente VII, precedendo as jurídicas informações de sua vida e milagres, publicou a bula de sua beatificação em 4 de abril de 1527, e a cidade de Avinhão o escolheu por um de seus padroeiros, de quem cada dia recebe novas graças.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Petri, confessoris tui atque pontificis, veneranda solemnitas et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, ó Deus todo-poderoso, que a venerável solenidade do bem-aventurado São Pedro, vosso confessor e pontífice, aumente em nós o espírito da piedade e o desejo de nossa salvação. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 44 e 45 da Sabedoria (o livro é o Eclesiástico), e a mesma do dia 4, pág. 82.

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi. Ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere in plebem suam. Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput ejus. Agnovit eum in benedictionibus suis: conservavit illi misericordiam suam, et invenit gratiam coram oculis Domini. Magnificavit eum in conspectu regum; et dedit illi coronam gloriæ. Statuit illi testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium magnum, et beatificavit illum in gloria. Fungi sacerdotio, et habere laudem in nomine ipsius, et offerre illi incensum dignum, in odorem suavitatis.*

Português: Eis aqui um grande sacerdote que em seus dias agradou a Deus e foi achado justo, e no tempo da ira fez-se reconciliação. Não se achou semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo. Por isso o Senhor, com juramento, fez que fosse célebre em seu povo. Deu-lhe a bênção de todas as nações e confirmou em sua cabeça o seu testamento. Reconheceu-o por suas bênçãos e conservou-lhe sua misericórdia, e achou graça aos olhos do Senhor. Engrandeceu-o na presença dos reis e deu-lhe a coroa da glória. Fez com ele uma aliança eterna e deu-lhe o sumo sacerdócio, e encheu-o de glória, para que exercesse o sacerdócio, fosse louvado seu nome e lhe oferecesse incenso digno dele, em odor de suavidade.

Nota

«Jesus, neto do autor do livro do Eclesiástico, de onde se tirou esta epístola, traduziu-a do hebraico para o grego; mas o original hebraico que teve presente para a tradução não foi outro, segundo todas as aparências, que o siríaco e o hebraico vulgar daqueles tempos. Ignora-se quem foi o autor da versão latina e só se sabe que se fez nos primeiros séculos da Igreja, pois se acha citada em todos os santos padres antigos.»

Reflexões

Achou graça diante do Senhor. Esta é a maior fortuna que pode fazer o homem, este o elogio mais magnífico que o homem pode merecer, e esta é toda a felicidade do homem. Achar graça diante de Deus é ser agradável a seus divinos olhos por sua inocência e por sua piedade; é ser favorecido, e é gozar de sua benevolência e de sua amizade. Se o favor dos grandes do mundo cumula de bens e de honras os que o conseguem, que honras e que bens não produzirá o favor de Deus? Mas há esta diferença: que o favor dos príncipes pode encher-nos de tesouros, mas não é capaz de dar mérito; ao passo que a graça de Deus é o mérito da pessoa, porque é inseparável da virtude. *Agradou a Deus, e foi achado justo.* Sem justiça, isto é, sem virtude e sem inocência, é impossível agradar ao Senhor. Mas onde há fortuna mais sólida? Não há coisa mais superficial nem mais vazia que a imaginária felicidade dos afortunados do século. Quando se achou sequer um que estivesse contente com sua sorte? Cresce a ambição com os bens e com as honras; e esta insaciabilidade é a maior prova de uma verdadeira indigência. Não há coisa criada que possa saciar nem contentar o coração do homem; a certeza de que algum dia se há de perder tudo turba o gosto da posse. As riquezas opulentas e as honras mais elevadas, quando muito, não são mais que um brilho que deslumbra e um fumo que sobe à cabeça; enganam e aturdem por algum tempo, e nisso consiste toda essa sonhada felicidade. Essas revoluções de fortuna e essa contínua alternativa de bens e de males, que outra coisa nos estão pregando? Sabe-se muito bem, e diz-se a cada passo, que já é estrela de favorecidos o não o ser nunca até o fim, ou porque os príncipes se cansam deles quando não têm mais que dar, ou porque eles se cansam dos príncipes quando não têm mais que receber. Não sucede o mesmo com os que mereceram a graça do Senhor; seus bens saciam sem fastio; fazem seus favorecidos respeitáveis sem arrogância, felizes sem emulação, e não estão nem sujeitos ao capricho, nem dependentes do humor, nem expostos às inconstâncias da vida. Consegue-se a graça do Senhor e mantém-se alguém nela sempre que quer e todo o tempo que quer. «*Si vis*», respondeu Santo Tomás a uma irmã sua que lhe perguntou como poderia ser santa: «Serás como o quiseres ser.» As apreensões, as inquietações e a perturbação derramam muito fel nas prosperidades dos favorecidos; nunca é sua alegria pura; os zelos a inquietam; a inveja a turba; a multidão de concorrentes a consome e de ordinário a acaba. Por brilhante que seja uma fortuna, sempre vacila, sempre é escorregadia. Mas demos que chegue até a morte: dali não passa; e por longa que seja esta duração, é certamente muito curta. E que será na eternidade desse favorecido dos grandes do mundo? Mas é um santo, é favorecido do Senhor; a morte

aumenta o favor e faz mais perfeita sua felicidade, seu mérito mais brilhante e seu culto muito mais célebre, pois ao cabo o eterniza. Respeitam-se até seus ossos e até suas podres cinzas. *Fulgebunt justi, et tanquam scintillæ in arundineto discurrent*: brilharão os justos e resplandecerão como as centelhas que correm como que brincando por um canavial. *Justitia enim perpetua est, et immortalis*: a justiça é permanente e imortal. *Filii hominum, usquequo gravi corde?* Filhos dos homens, até quando haveis de gemer oprimidos sob esse peso que abate vosso pobre coração? Até quando haveis de amar a vaidade? Até quando vos haveis de deixar embair da mentira? Todos conhecem isto; mas quem se aproveita disso?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus, e o mesmo do dia 4, pág. 85.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. 20 E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. 21 Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já

que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Do bom uso dos meios para alcançar nossa salvação

Primeiro ponto

Considera com que bondade, com que liberalidade e com que magnificência pôs Deus em nossas mãos seus próprios bens. Não somente os céus publicam sua beneficência para conosco; a terra, o mar, todo o universo e todas as criaturas destinadas ao benefício do homem nos anunciam suas misericórdias; nenhuma há que não nos sirva de meio para caminhar para nosso último fim, se sabemos usar dela; mas não somente temos recebido de sua liberalidade os bens naturais, mas os sobrenaturais, muito mais preciosos e em muito maior número. Sacramentos da Igreja, manancial fecundo de bens espirituais, tesouro imenso das misericórdias de nosso grande Deus; graças poderosas, dons sobrenaturais, fruto precioso de nossa redenção, sacrifício permanente do Cordeiro imaculado, vítima de preço infinito, excesso de bondade e de amor do Redentor, auxílios diários e contínuos, meios eficazes da salvação, dons superabundantes, liberalidades sem medida do Salvador do mundo; o mesmo Jesus Cristo no meio de nós; seu corpo, seu precioso sangue convertido em alimento nosso: estes são os bens que põe Deus em nossas mãos; e ainda há pobres possuindo tais bens! São Paulo não podia compreender isto; e nós, porventura o compreendemos? Estas graças de que se faz tão pouco caso, essas luzes sobrenaturais, essas salutares inspirações que se afogam, que se sufocam quase sem remorso, são preço de seu sangue; não há santo que não se tenha enriquecido com o menor destes bens, nenhum que não tenha morrido cumulado de merecimentos; mas nós, que fruto temos tirado deles?

Uma só missa, uma comunhão, uma só confissão sacramental tem virtude eficaz para santificar os maiores pecadores; mas duzentas comunhões, outras tantas e até muitas mais confissões, o sacrifício do Cordeiro que tira os pecados do mundo, não nos apagaram nem uma só culpa; com remédios tão eficazes adoece-se, desfalece-se e perde-se a vida da alma. Com tantas fontes de graças, com tão ricos tesouros vive-se em suma pobreza. Compreendamos, se é possível, um mistério de iniquidade tão incompreensível. Com meios tão poderosos e tão eficazes para ser santos, cada dia somos mais imperfeitos; desaparece a devoção, vai por terra a observância, bastardeia a disciplina e se apaga a fé. Poderia um cristão ser menos fervoroso, poder-se-ia viver com maior dissolução se nos faltassem todos estes meios?

Oh, e quão bem convence tudo isto do mau uso que se faz dos tesouros das graças que Jesus Cristo nos mereceu e que franqueou a todos os fiéis!

Segundo ponto

Considera bem o muito que se perde usando mal destes auxílios e de tantos outros que nos oferece a Igreja. Devoções aos santos, exercícios de religião a qual mais piedosos, jejuns, abstinências salutares, tesouro de indulgências em que se encontra um imenso cabedal para satisfazer à divina justiça e outras mil piedosas indústrias, todas muito oportunas, para facilitar-nos o caminho do céu.

Meu Deus, e quanto perdemos por nossa culpável ignorância, por pura indolência nossa e por uma perniciosíssima preguiça! Não há coisa mais abundante em auxílios nem mais fecunda em merecimentos que nossa santa religião; toda está cheia de meios; mas nós não sabemos aproveitar-nos deles; não há dia na vida nem hora no dia em que não se nos apresentem ocasiões de merecer. As misérias dos outros nos oferecem sem cessar tesouros inestimáveis, se os queremos beneficiar: que obras de misericórdia não podemos fazer! E não é necessário que sejam precisamente esmolas as que hajam de enriquecer-nos; uma palavra de consolo aos aflitos, uma visita nos hospitais aos enfermos ou nos calabouços aos encarcerados, tudo é de grande mérito quando se faz com verdadeiro espírito de caridade. A mesma boa vontade de fazer bem aos necessitados é largamente recompensada pelo Pai das misericórdias. Mas, sem sair de nosso próprio terreno, que fundo de méritos não temos nele! Quantos pequenos sacrifícios podemos fazer na vida! Quantas vitórias conseguir cada dia! Um curto gosto de que alguém se priva por amor do Senhor, uma vista curiosa, uma diversão, uma palavrinha chistosa, sacrificado tudo a Deus, podem ser perenes mananciais de graça, contanto que o sacrifício se faça por motivo sobrenatural. Nossas mesmas paixões nos apresentam contínuas ocasiões de conseguir importantíssimas vitórias; a mortificação dos sentidos é também um grande tesouro para o céu; nossa pobreza, nossas enfermidades e até nossos mesmos defeitos podem aproveitar-nos para a outra vida. Não há estado, não há ocasião, não há idade que não seja muito própria para ser santos, com assistência da divina graça, que a ninguém falta jamais. Se não somos santos, que desculpa teremos? E como se nos pode perdoar?

Só se faz juízo das coisas pelos sentidos ou, ao menos, por uma razão puramente natural. Com que olhos olhamos todos estes meios? Parece que o espírito da fé e da religião está interditado à maior parte dos fiéis; vive-se quase sem reflexão.

Ah, Senhor, e como tenho usado eu até agora de todos estes bens! Quanto perdi em tê-los malogrado! Conheço meus descaminhos, confesso minha culpa e detesto minha brutalidade; não permitais que sejam sem fruto estas luzes e estes movimentos que me comunicais. Prometo-vos, Senhor, com auxílio de vossa divina graça, que aproveitarei para o céu todos os meios que daqui em diante me proporcionardes.

Jaculatórias

> *Dormitavit anima mea præ tædio: confirma me in verbis tuis.* Sl 118.

Até aqui, Senhor, apoderou-se de minha alma uma profunda modorra em tudo o que toca a minha salvação; despertou-me vossa graça do letargo; confirmai-me no propósito que faço de emendar-me.

> *Misericordia tua, Domine, plena est terra: justificationes tuas doce me.* Sl 118.

Cheia está, Senhor, a terra de vossa misericórdia; ensinai-me a aproveitar-me dela guardando vossa santa lei.

Propósitos

1. Há grande número de santos de todas as idades, de todos os sexos, de todas as condições e em todos os estados; não têm outro Evangelho que nós; mas nós não temos a mesma fidelidade que eles; não tiveram nem mais auxílios nem mais meios, mas souberam aproveitá-los melhor. Não se esgotaram as liberalidades do Pai das misericórdias; não se encolheu sua mão; mas nós não queremos negociar com nossos talentos. Quantos os sepultam! Quantos os perdem! Quantos se valem deles para fazer-se mais infelizes! Todas as coisas cooperam para o maior bem dos que amam a Deus, enquanto todas se convertem em maior mal dos que o ofendem. Aproveita-te destas verdades; converte tudo em proveito teu e nada percas por indevoção ou por desídia. O céu, os astros, a terra, todas as criaturas te pregam a bondade e a liberalidade do Senhor; procura que todas excitem também teu humilde reconhecimento. Tira sempre alguma utilidade de todas as criaturas, usa delas de modo que todas contribuam para tua salvação. A vista do céu, o aprazível das estações, os serviços que te fazem os elementos, tudo te adverte como te hás de aproveitar deles, segundo o fim que se propôs o Senhor quando te concedeu todos esses bens. Já te sentes à mesa, já saias a passeio, já estejas em teu quarto, faze sempre esta reflexão: *Quid hæc ad æternitatem?* Como me poderei aproveitar disto para salvar-me?

2. A Igreja te oferece mil meios; não há que desprezar nenhum, porque todos podem conduzir para tua salvação. Assiste sempre a suas sagradas cerimônias com aquele espírito de religião que inspira devoção e respeito. Jamais as faças por bem parecer ou por mero costume. Aprecia muito os mais mínimos atos de religião e de piedade que usa a Igreja. Desaprovam-se certas devoções, criticam-se certos piedosos exercícios, trata-se de simplicidade e de superstição tudo o que ata um

pouco o amor-próprio. Impõe-te uma lei de respeitar tudo o que se estila na Igreja: cerimônias, estações, procissões, usos piedosos, exercícios santos. Desde que se começou a sutilizar tanto e a criticar tudo, nota-se que a religião se debilitou na maior parte dos fiéis e que em muitos se apagou inteiramente a fé. Imita os santos, pois nada vais arriscar em conformar-te com seus exemplos.

O Beato Miguel dos Santos, Confessor

Nos tempos mais borrascosos que tem padecido a Igreja, tem-se manifestado mais claramente a verdade daquela promessa em que assegurou Jesus Cristo que não prevaleceriam contra ela as portas do inferno. Desses tempos tem sido o século décimo sexto: século em que competiram mutuamente os perversos heresiarcas, abortos do abismo, empenhados em rasgar a túnica inconsútil da unidade da Igreja, e os obedientes e verdadeiros filhos desta santíssima Mãe, os quais, umas vezes com sua doutrina e outras com suas virtudes, deram testemunho da verdade e santidade da santa Igreja católica, apostólica, romana. Um destes santos varões foi o beato Miguel dos Santos, chamado por excelência o extático, varão de uma contemplação altíssima, de uma penitência austera, de uma ardente caridade e assinalado com aqueles dons felizes com que distingue Deus seus grandes servos. Nasceu este santo na cidade de Vich, no principado da Catalunha, no dia vinte e nove de setembro do ano de nossa redenção de 1591. Foram seus pais Miguel Henrique Argemir e Monserrada Margarida Mitjana, de uma limpeza e honradez conhecida no tocante a sua linhagem e de uma grande piedade no respectivo a seus costumes. Seu pai exercia o ofício de escrivão; e, apesar dos perigos a que estão expostas a integridade e a inocência de costumes no enredoso exercício desta profissão, desempenhava-a de tal maneira que jamais causou prejuízo a sua consciência nem lhe serviu de impedimento para frequentar as igrejas e nelas as obras de piedade e de devoção. A mãe era em tudo igual à probidade de seu marido. Uma simplicidade amável, uma caridade benfazeja, uma índole dulcíssima, uma honestidade angélica faziam o caráter da ditosa mãe de nosso santo. Com prendas tão agradáveis ao céu, obteve dele este ditoso matrimônio fruto de bênção, premiando Deus suas santas obras com uma longa descendência e principalmente com as heroicas virtudes do beato Miguel dos Santos. Este foi o sétimo de oito filhos que tiveram; e, embora todos eles copiassem em si os virtuosos exemplos que advertiam em seus pais, pode-se dizer com verdade que nesta preciosa qualidade foi Miguel o primeiro. Desde sua infância o preveniu Deus com bênçãos tão copiosas que até nas ações mais mínimas se manifestava bem que o havia escolhido especialmente para si. Comprazia-se o santo menino em todos os exercícios de devoção: faziam uma impressão admirável em seu terno peito os sagrados mistérios; mas entre todos eles levava a preferência a paixão sacrossanta de Jesus Cristo. Contemplava-a com tanta ternura que banhava de lágrimas seus olhos, e seu coração estava abrasado pelos incêndios da caridade.

Esta contemplação fervorosa causou nele tão admiráveis efeitos que naquela terna idade concebeu um projeto que se poderia qualificar de heroico até nos homens maduros e exercitados

na virtude. Apetecia com ânsia assemelhar-se a seu Senhor nos trabalhos que havia padecido e quisera, se tivesse sido possível, dar sua vida numa cruz por aquele que tão generosamente a havia dado pela redenção do mundo. Para satisfazer em parte esta ardente caridade, determinou deixar a casa de seus pais e viver numa solidão, em lágrimas e penitência, à imitação do Batista. Comunicou seu projeto a outros dois meninos, com tais razões que os persuadiu facilmente de que não era difícil a execução. A graça de Deus é em tudo admirável e não manifesta menos seu poder na conversão dos grandes pecadores que nos passos agigantados com que adianta a virtude na mais pura inocência. Saíram, pois, os três meninos da cidade, guiados do Espírito Santo, a buscar num deserto um asilo contra os laços do mundo e contra as contaminações da carne e do demônio. As santas exortações que Miguel fazia a seus dois companheiros, embora capazes de sustentar sua estranha resolução, não foram suficientes para impedir que acovardasse a um deles, por uma parte, o justo sentimento que teriam seus pais por sua ausência e, por outra, o castigo que, quando o achassem, o ameaçava. Voltou-se este à cidade, e Miguel com o outro menino seguiu até um monte áspero e fragoso, que dista duas léguas dela, chamado Montserrat. Logo que chegaram ao monte, deram graças a Deus os dois inocentes anacoretas e começaram a buscar nele uma morada acomodada a seus desígnios. Apresentou-se-lhes à vista uma cova, que desprezaram por estar infestada de bichos e principalmente porque não acharam nela o sinal da cruz para seu consolo. Internaram-se no monte e, entre sua espessura, acharam duas grutas que antigamente haviam servido aos santos ermitães que naquele sítio haviam feito vida solitária; e conceituaram que, por sua proximidade e todas as suas circunstâncias, eram proporcionadas para a execução de seus desejos. Cada um escolheu a sua para si, e nelas começaram a praticar os exercícios fervorosos que lhes ditava seu coração. Contentíssimo se achava Miguel vendo quão bem lhe havia saído seu projeto, e teria permanecido gostoso ali toda a sua vida, se não lho tivessem impedido as requintadas diligências que fizeram seus pais para achá-lo e devolvê-lo a sua casa. Com efeito, logo que o pai de Miguel advertiu a falta de seu filho, conhecendo que nele perdia um tesouro, deu gritos e correu por todas as partes em busca do menino Miguel. Aquele que se havia retirado deu-lhe os indícios necessários para que pudesse achá-lo no monte. Mas qual foi sua surpresa quando, internando-se na espessura, o viu dentro de uma gruta, posto de joelhos diante de uma cruz, aceso o rosto e banhados os olhos em lágrimas! Ficou suspenso o pai à vista de tão terno espetáculo; mas, voltando a si, perguntou a Miguel por que chorava. «Choro pela paixão de meu Senhor Jesus Cristo», respondeu o santo menino: resposta que deixou o pai atônito e edificado. «E quem vos há de sustentar neste deserto?», replicou o pai. A esta pergunta satisfez Miguel com uma resposta que manifesta claramente as fundas raízes que haviam lançado em sua alma as máximas do Evangelho e o altíssimo conceito que havia formado da bondade de Deus e de sua divina Providência. «Assim como Deus (respondeu Miguel) sustenta a outros santos, da mesma maneira me sustentará a mim também.» Conheceu seu pai o espírito fervoroso que abrigava seu terno peito e, como a piedade dirigia suas operações, admirou o projeto de seu filho e deu graças a Deus pelos temporãos frutos que nele lograva sua divina graça. Mas, não considerando prudente deixá-lo naquele deserto, exposto a ser presa das feras ou a que as inclemências do tempo acabassem sua vida, mandou-lhe que voltasse com ele para casa. Obedeceu o menino, deixando na solidão seu coração, mas com o firme propósito de formar dentro de sua alma um retirado deserto aonde não pudessem chegar as contaminações do mundo.

Esta ação, embora não chegasse a ter todo o efeito que Miguel se havia proposto, foi tão do agrado de Deus que em prêmio dela derramou em sua alma tão abundante cópia de graças que se

adiantaram e ilustraram milagrosamente suas potências e sentidos. Seu entendimento desfez as trevas da ignorância própria daquela idade e conheceu perfeitamente quão amável é Deus e quão dignos de desprezo são os bens da terra. Sua vontade inflamou-se de tal maneira no amor divino que, penetrado dele, nada queria senão a Deus, por nada suspirava senão por Deus; e este caráter, que se gravou em sua alma na terna idade de sete anos, foi o selo com que estiveram marcadas todas as ações de sua vida. Assim o testifica o decreto apostólico com que foram aprovados seus milagres. O amor não pode estar ocioso e acha-se em estado violento enquanto não se emprega em obséquio de seu amado. Por esta causa, procurava Miguel dar desafogo a sua caridade, fazendo por Deus obras penais com que afligia seu inocente corpo. Mortificava-o com cilícios e outras invenções que lhe ditava seu fervor; mas no que mais sobressaía era em uns jejuns e abstinência tão continuados que chegou a recear seu pai algum grave prejuízo em sua saúde, por cuja causa procurava impedir tanta austeridade. Mas a virtude, que é engenhosa, sugeriu a Miguel um meio de satisfazer os fervores de seu espírito sem contravir aos mandamentos de seu pai, a quem amava, venerava e obedecia com esmero. Combinou com a criada que lhe desse privadamente seu almoço e sua merenda, para poder dizer com verdade a seu pai que havia dado a Miguel este sustento. Mas apenas o recebia o santo menino, logo o trasladava às mãos de algum pobre necessitado, fazendo engenhosamente sacrifício à caridade com as economias da abstinência e exercitando a um mesmo tempo estas duas virtudes. Os recreios e jogos que costumam ter os meninos, ou os olhava com aversão ou procurava tirar deles algum fruto para a santificação de sua alma. Assim sucedeu que, tendo-o enviado seu pai com a criada, em companhia de outros meninos, a recrear-se numa vinha, enquanto seus companheiros se empregavam em comer uvas, Miguel apartou-se deles e pôs em execução um daqueles grandes pensamentos que não ocorreu ao penitente São Francisco nem a nenhum outro santo senão depois de ter feito grandes progressos na vida espiritual. Foi-se a um lugar apartado onde havia muitas sarças e espinheiros e, despindo-se de suas vestes, fixa sua consideração na paixão de Jesus Cristo, arrojou-se nu entre os espinhos, oferecendo aquele tormento àquele que tantos havia padecido por seu amor. Mas Deus, agradecido ao sublime sacrifício que lhe oferecia aquele cordeiro inocente, que em toda a sua vida não perdeu a graça batismal, fez que, assim como as chamas não tiveram força para queimar os meninos da Babilônia, tampouco a tivessem os espinhos para lacerar o virginal corpo de Miguel nem tirar seu inocente sangue. Sentiu a falta dele a criada, buscou-o e, achando-o entre os espinheiros e perguntando-lhe admirada por que fazia aquilo, respondeu o santo, cheio de simplicidade e de alegria: «Fi-lo por amor de nosso Senhor e por imitar o pai São Francisco.»

O exercício das virtudes não o privava de um exato cumprimento da obrigação de estudar que lhe impôs seu pai; antes se ajudavam mutuamente, e ao tempo que assistia à escola encontrava ocasiões de praticar a caridade de um modo muito proveitoso para seus próximos. Havia feito de um aposento retirado de sua casa um oratório, onde se empregava na oração e na penitência todo o tempo que lhe sobrava depois do estudo de suas lições. A este lugar conduzia aqueles estudantes que via que eram travessos e distraídos. Ali lhes fazia fervorosas práticas, exortando-os ao amor da virtude, ao aborrecimento do pecado e a um terno amor da Mãe de Deus, de quem o santo era sumamente devoto. Fazia-os depois estar um pouco em oração e finalizava aquele exercício com a mortificação de uma disciplina, para cujo efeito tinha dispostos vários cordéis com seus nós. Estas obras produziam um efeito tão maravilhoso que todos os seus condiscípulos se viam obrigados a ser honestos em sua presença, a frequentar por seu conselho os santos

sacramentos e a ser exatamente obedientes às insinuações de seus pais. Fruto tão visível produziu a voz comum no povo de que Miguel era uma flor de santidade, cuja só vista compunha os ânimos e excitava à perfeição de costumes. À proporção que ia crescendo em idade, ia também medrando na virtude e, para assegurar-se na prática desta por toda a sua vida, determinou fazer-se religioso. A ternura de sua idade, que não passava de oito anos, frustrou as diligências com que procurou consegui-lo. Esta repulsa renovou nele o antigo pensamento de fazer vida eremítica. Exercitou-se para isso dentro de sua mesma casa, comendo somente ervas silvestres; e, quando se certificou por alguns dias de que bastava aquele alimento para sustentar a vida, comunicou sua resolução a uns companheiros seus, que a aprovaram unanimemente. Chegou o dia de pôr-se a caminho do deserto, e Miguel, que era engenhoso em quanto pertencia à vida espiritual, exortou-os a fazer voto de perpétua virgindade, o que executaram na igreja de Santa Clara, recebendo Deus aquele temporão sacrifício e lançando sobre ele sua bênção. No caminho encontraram depois três venerandos varões que, tendo sabido deles seu intento, dissuadiram-nos dele, fazendo-os voltar a sua casa e ensinando ao menino Miguel que, se queria fazer penitência, poderia consegui-lo facilmente dormindo sobre uns sarmentos em lugar de cama e pondo uma pedra por cabeceira. Aceitou Miguel o conselho e, voltando-se a seus companheiros, disse-lhes: «Voltemos para casa, que não é vontade de Deus que vivamos no deserto.»

À volta encontrou seu pai sumamente irado, cujo enojo se desafogou com o castigo de Miguel, que sofreu esta mortificação com suma resignação e paciência. Entretanto, exercitava-se em sua casa em todos aqueles exercícios de oração e de penitência que poderia praticar no deserto. Mas aos onze anos sofreu o bendito menino o golpe terrível de ver-se privado de seu pai, a quem chamou Deus para si, a dar-lhe o prêmio de suas virtudes. Sofreu este golpe com resignação cristã, abraçando nele os muitos trabalhos a que o deixava exposto sua orfandade. Como havia feito voto de virgindade perpétua, desejava os meios de cumprir a Deus esta promessa. O mais eficaz pareceu-lhe que era entrar em religião; mas, embora o solicitasse várias vezes, frustraram-se seus desejos, já pela ternura de sua idade, já pelas preocupações de seu tutor. Este, querendo destinar Miguel a um exercício que reunisse as qualidades de honesto e lucroso, colocou-o em casa de um mercador. Mas seu espírito era pouco apto para o tráfego e bulício que deve intervir nas compras e vendas e podia sofrer muito menos os multiplicados perigos que se ofereciam a sua consciência. Ansioso, pois, de lograr a tranquilidade desta e parecendo-lhe que a acharia em Barcelona pela multiplicidade que ali havia de mosteiros, foi-se àquela cidade. Solicitou em várias partes que lhe dessem o hábito; mas sem fruto. Seu tutor seguiu-lhe os passos e, desejoso de dar-lhe algum estabelecimento com que cortar aquela devoção, que a ele lhe parecia imprudência pueril, quis que aprendesse o ofício de passamaneiro. Todas as diligências humanas são inúteis para desfazer os desígnios da Providência. Esta havia eleito em seus eternos conselhos o bem-aventurado Miguel para torná-lo espelho de perfeição no estado religioso, e assim venceu todos os artifícios humanos que se opunham a suas acertadas miras. O fervoroso menino, que, eleito de Deus desde seus primeiros anos, suspirava incessantemente por ver-se colocado nos átrios de sua casa, reforçava-se em seus santos intentos à proporção que cresciam os obstáculos. As mesmas dificuldades não lhe serviam de outra coisa que de poderoso incentivo para confirmar-se em sua resolução e buscar novas maneiras de executá-la. Significou seus desejos ao ministro do convento de Trinitários calçados da cidade de Barcelona. Este piedoso varão, juntamente com os demais padres, examinaram com madureza a vocação de Miguel e, admirados de ver em tão poucos anos frutos tão adiantados de perfeição, conceituaram que naquele menino lhes oferecia Deus um tesouro de

virtudes com que enriquecer sua religião, e assim lhe deram o hábito sem reparar na ternura de sua idade.

Não lhes saiu errado o juízo; pois, apenas se viu Miguel contado entre os indivíduos daquela celestial milícia, transbordando de gozo começou a manifestar sua gratidão ao céu com fervor tão aceso que arrebatava a admiração de todos. Os mais adiantados na perfeição religiosa tinham que aprender de Miguel uma profunda humildade, uma devoção ardentíssima, uma cega obediência e um conjunto de virtudes que os obrigava a olhá-lo como mestre da vida monástica. Os demais noviços o olhavam como um exemplar perfeito de todas as virtudes, com que se confirmavam em seu propósito e concebiam novos desejos de adiantar mais e mais seus passos para aperfeiçoá-los. O que tão mortificado havia vivido desde sua infância na casa de seus pais, é natural que procurasse adiantar algo as asperezas vendo-se religioso. Assim se verificou; pois, não contente com os multiplicados exercícios de penalidade que prescreve a religião, acrescentava outros vários para saciar aquela fome que tinha de padecer por Jesus Cristo. Multiplicava os jejuns, parecendo-lhe poucos os que prescreve o instituto; fazia-os com somente pão e água e alcançou licença dos superiores para poder repartir entre os pobres a comida de que se privava com sua prodigiosa abstinência. Trazia continuamente sobre o peito uma cruz com pontas de ferro, que lhe servia de cilício. E, tendo-o encontrado um dia um religioso amigo seu em um lugar retirado fazendo outra cruz com pontas mais penetrantes, significou-lhe que instrumento tão rigoroso poderia ser prejudicial a sua saúde. Ouviu-o o santo com muita serenidade e, descobrindo o peito, em que o religioso advertiu uma cruz cravada, disse-lhe com admirável simplicidade: «Olhai, padre, que pouco mal me faz esta cruz, com haver anos que a levo; e por ter-se-me quebrado estou fazendo de novo esta outra.» O assombro e a edificação foram os efeitos que produziu naquele religioso um caso semelhante. Assim caminhava Miguel para o cume da santidade no tempo do noviciado; e assim se inflamavam os ânimos dos religiosos em seu amor, desejando já assegurar com a profissão um jovem de quem vaticinavam, com tão felizes princípios, que havia de ser um prodígio de santidade. Aproximando-se já a idade necessária para fazer os três votos que constituem essencialmente o estado religioso, trasladaram-no seus superiores ao convento de São Lamberto de Saragoça, onde professou a 30 de setembro de 1607. Logo que Miguel se viu perfeitamente consagrado a Deus por meio da profissão, deu-lhe infinitas graças por ter admitido com tanta misericórdia o sacrifício que lhe havia feito de sua pessoa e de todas as suas esperanças. Os religiosos por sua parte não lhas deram menos, vendo-se já em posse de um jovem tão fervoroso, que lhes assegurava frutos muito ótimos para quando chegasse à idade provecta.

Mas Deus, que tem cuidado de sua Igreja como de um ameno jardim e de quando em quando renova as plantas para que produzam com maior exuberância, havia ordenado por então a reforma da ordem Trinitária. Nesta reforma haviam entrado sujeitos de agigantada virtude e espírito muito austero, que haviam estabelecido constituições rigorosas para fazer florescer a mais estreita observância. Como a fragilidade humana se inclina facilmente ao relaxamento e olha com terror a estreiteza e escabrosidade do caminho que conduz à vida, procura o Pai das misericórdias aplainar estas dificuldades, apresentando aos olhos varões esforçados que pisam os espinhos com tanta delícia como se fossem rosas.

Com este intento, a todas as reformas tem dado em seus princípios sujeitos muito santos, que têm sido como sólidos fundamentos daquela fábrica espiritual. Para o mesmo fim estava destinado

nosso Miguel nos desígnios da Providência; e assim, embora ele estivesse contentíssimo entre os Trinitários calçados e estes se comprazessem com a posse de sua pessoa, uma casualidade aos olhos dos homens, mas na realidade uma sábia medida da divina Sabedoria, trasladou Miguel aos Descalços. Foi um religioso destes a Saragoça receber ordens sagradas, vindo de Pamplona, e hospedou-se no mesmo convento em que estava frei Miguel. A pobreza do hábito, o semblante de penitência e a modéstia de seu trato fizeram notável impressão em sua alma. Com a comunicação daquele religioso, com a experiência de suas virtudes e com a notícia do rigoroso teor de vida que se observava na descalcez, acenderam-se em Miguel uns vivos desejos de passar a ela. Suas diligências foram tão eficazes e prontas que em 28 de janeiro de 1608 já havia obtido o hábito de descalço, chamando-se dali em diante frei Miguel dos Santos, como quem desejava a proteção de todos para o cumprimento das obrigações religiosas e, ao mesmo tempo, tê-los por modelo para imitá-los nas virtudes. Jubiloso ficou frei Miguel vendo que Deus lhe havia concedido os desejos que havia tempo abrigava em seu peito de professar vida mais austera, e procurava manifestar seu agradecimento continuando com mais fervor as virtudes em que antes se havia exercitado. Mas, vendo seus superiores que o convento de Pamplona não era a propósito, por sua estreiteza e pobreza, para a criação de noviços, enviaram-no a Madri, onde, tendo passado o ano de provação com edificação admirável de todos os religiosos, professou o rigor da nova reforma para honrá-la e enriquecê-la com sua heroica santidade.

Logo que frei Miguel viu cumpridos seus desejos, sendo aluno da nova reforma, começou com maior espírito todos os exercícios de virtude em que até então se havia ocupado. Como seu talento era proporcionado para a carreira das letras, determinaram os prelados que o cultivasse estudando artes e teologia, para tirar dele maiores proveitos. Não obstante que a humildade deste servo de Deus chegava a tal ponto que recusava todos os meios que pudessem algum dia conduzir a obter empregos de superioridade e mando, sacrificou à obediência os fervores de seu espírito e estudou as artes e a teologia com um aproveitamento correspondente a sua contínua aplicação e à clareza de suas luzes. Principalmente engolfava-se no conhecimento dos sagrados mistérios e verdades da religião, como quem conhecia que com esta ciência se fazia mais apto para aproveitar a seus próximos, encaminhando-os pelas sendas da salvação. Persuadido de que o princípio da sabedoria é o santo temor de Deus, buscava na oração a fonte inesgotável onde beber aqueles conhecimentos sublimes que não contamina a falsidade nem o erro destrói. Desta maneira, adiantando cada dia mais na virtude e na ciência, chegou a pôr-se na disposição devida para receber o sacerdócio. Quem poderá dizer a resistência que o servo de Deus manifestou a um estado tão excelso e ao mesmo tempo tão perigoso? Venerava as insinuações de seus prelados que lho persuadiam; conhecia que, fazendo-se sacerdote, tinha maior proporção para aproveitar a seus próximos; mas ao mesmo tempo temia, como era justo, lançar sobre seus ombros uma carga tão terrível. A caridade e a obediência venceram todas as dificuldades que opunha a humildade; e assim recebeu a ordem sagrada do sacerdócio, juntando-se a um mesmo tempo em sua alma um temor respeitoso ao maior dos mistérios e um gozo inefável em considerar que pela virtude de suas palavras havia de ter em suas mãos a Jesus Cristo sacramentado.

Desde muito menino havia manifestado uma devoção ardentíssima ao Santíssimo Sacramento, devoção que fez o caráter deste santo em toda a sua preciosa vida e que com o discurso dela se foi aumentando de maneira que chegou a ser um milagre. Preparava-se, quando corista, para receber a sagrada comunhão com duplicados jejuns e penitências, e depois que a havia recebido

eram tão extraordinários os afetos de sua alma que umas vezes ficava extático por muitas horas, e outras permanecia de joelhos num canto todo um dia, sem lembrar-se nem sequer de tomar o preciso sustento. Cresceram prodigiosamente estes afetos admiráveis depois de feito sacerdote. Apenas consagrava a sagrada hóstia, imediatamente se advertia transfigurar-se este servo de Deus num serafim abrasado. Acendia-se-lhe o rosto e banhava-se-lhe de uma extraordinária alegria; todos os seus membros ficavam embargados; suspendiam-se as operações de seus sentidos e ficava por último transportado num dulcíssimo deliquio com que seu amor se desafogava. Algumas vezes se lhe viu banhado o rosto de um resplendor celestial que esclarecia também as sagradas vestiduras e não se dissipava até que consumia a sagrada hóstia. Nestas obras maravilhosas da bondade divina recebia o servo de Deus favores e regalos de ordem tão superior que o obrigavam a empregar na celebração do sacrifício mais de duas horas. Mas Deus, que pagava o terno amor do bem-aventurado Miguel com estas efusões de sua bondade, fazia ao mesmo tempo que os que assistiam a sua missa, longe de experimentar tédio por sua tardança, se enfervorizassem mais e provassem um gosto espiritual e delicioso. Por este motivo, até as pessoas de mais alta hierarquia solicitavam ouvir sua missa, como o fez entre elas dona Ana de Mendoza, duquesa do Infantado. Como o santo conhecia quanto perigo padece a verdadeira virtude em ser vista dos homens e que o ar da vaidade seca a formosura e exuberância das virtudes, determinou esconder-se aos olhos do mundo, já que não lhe era possível resistir aos acesos afetos de sua alma nem aos soberanos regalos que lhe fazia o Pai de misericórdias. Procurava dizer missa antes que se abrissem as portas da igreja ou no altar que estivesse mais escondido. A isto o estimulava sua profundíssima humildade, não querendo ser tido senão no conceito de um grande pecador aquele que conservava ilesa a graça do batismo.

É fácil conhecer que todos estes efeitos não podiam nascer senão de uma ardentíssima caridade para com Deus e seus próximos, que é o fundamento e alma de todas as virtudes. Por consequência, era natural que este servo de Deus não se contentasse com sua própria santificação, mas procurasse com igual esmero a de seus próximos. Um dos meios mais eficazes e oportunos para consegui-lo era o da pregação. Exercitava-se nela com conhecido proveito das almas, nas quais, por obstinadas que estivessem no vício, podiam tanto a viva exortação do bendito padre e suas penetrantes palavras que causava frequentemente aquelas conversões que nas sagradas letras são chamadas mudanças da destra do Senhor. A isto cooperavam em grande parte os admiráveis arroubos ou êxtases que, assim como na missa, experimentava também nos sermões. Os mesmos favores que lhe fazia Deus em prêmio de suas virtudes e com que ilustrava sua alma serviam ao mesmo tempo de instrumentos poderosos para lavrar a salvação de seus irmãos. Isto se verificou, entre outros muitos, num clérigo jovem de Baeza. Logo que o santo chegou a esta cidade, divulgou-se a fama de suas virtudes e, com singularidade, falava-se dos maravilhosos arrebatamentos com que Deus o favorecia na celebração da missa e nos sermões. O clérigo, que não tinha toda a circunspecção e piedade que requeria seu estado, zombava nas conversações dos êxtases do servo de Deus. Um dia em que este pregava na solenidade do Santíssimo Sacramento, foi ouvi-lo com ânimo de acrescentar em seu coração o desprezo e zombaria que havia feito. Começou seu sermão com o fervor costumado e, à medida que se ia internando no assunto, que era sobre as disposições necessárias para receber a sagrada Eucaristia, iam-se enchendo suas palavras de um fogo penetrante, que começou a ferir no mais profundo da alma do clérigo e a dispor o santo a um êxtase maravilhoso. Chegou este, ficando arrebatado, levantados os braços e fixos os olhos no céu; mas ao tempo de arrebatar-se

prorrompeu num ai tão penetrante que converteu inteiramente a alma daquele mal aconselhado sacerdote. Seu coração comoveu-se de maneira que, desfeito em lágrimas, arrependeu-se de sua passada vida, vivendo dali em diante como convinha a um virtuoso sacerdote. Ele mesmo testificava depois que por muito tempo lhe pareceu estar vendo o beato Miguel arrebatado e que lhe diziam em seu interior: «Ai de ti, se não te emendas! Ai de ti, se não mudas de costumes!» Tão prodigiosos efeitos como este causavam os sermões do bendito padre nas almas distraídas.

Um conjunto de prendas tão completo não podia estar sem que os superiores lhe tributassem o respeito devido e procurassem colocá-lo como uma luz no candeeiro da prelazia, para que suas luzes se difundissem e fossem proveitosas a todos. Com efeito, foi eleito duas vezes ministro do convento de Valladolid; e, embora sua humildade opusesse todas as escusas possíveis, representando sua inépcia para um ministério, a seu parecer, incompatível com o sossego de seu coração, todas as suas diligências não tiveram outro efeito que o de empenhar mais os superiores em fazê-lo aceitar a prelazia. Isto o conseguiram facilmente mandando-lho por obediência, porque sabiam que o santo a professava com tal rendimento que sacrificava a ela suas conveniências e suas luzes. Feito prelado, resplandeceu em todas as virtudes próprias de um pai que ama ternamente a seus filhos e de um vigilante pastor que cuida solicitamente do bem de suas ovelhas. Assistia ao coro e a todos os ofícios divinos como se a isso só se houvessem reduzido todos os seus cuidados e ao mesmo tempo olhava sempre pelos interesses do convento como se não tivesse tido outra coisa que fazer. Amava seus súditos com entranhas de pai; e, se talvez a fragilidade de algum requeria suas repreensões, fazia-as com tanto carinho e doçura que se via bem a ardentíssima caridade de onde nasciam. Sabia que a principal qualidade de um prelado para manter a observância e fazer os súditos virtuosos é a do exemplo. Assim é que assistia o primeiro a todos os exercícios penosos, sem que houvesse ocupação tão precisa que fosse bastante para dispensá-lo da assistência. Este rigor o levava até tal extremo que, estando gravemente enfermo, nem sua dolência, nem as súplicas de seus súditos, nem o preceito dos médicos puderam conseguir dele que deixasse de assistir a matinas à meia-noite, senão quando absolutamente o impedia a febre. À proporção deste zelo eram todas as demais virtudes que constituem um grande prelado e um perfeito religioso. Sua fé, aquela virtude que é a primeira na ordem entre as teologais, era tão viva que por ela lhe deu Deus a conhecer nesta vida os mais sublimes mistérios com uma claridade semelhante à que gozam os bem-aventurados na pátria celestial. Daqui nascia aquela segurança e firmeza com que costumava dizer que em defesa da fé verteria gostoso todo o seu sangue e padeceria de boa vontade todos os tormentos que padeceram e padecerão os mártires desde o princípio até o fim do mundo. Da viveza de sua fé nascia uma esperança tão firme que jamais se lhe ofereceu dúvida em que havia de gozar das divinas promessas. Assim, seus pensamentos mais frequentes eram da glória, dos bem-aventurados, e causavam nele tais efeitos que, por pouco que se falasse desta matéria, imediatamente se transportava. Por isso repetia frequentemente aos religiosos palavras de confiança, dizendo-lhes com extraordinário júbilo e fervor: «Bom ânimo, irmãos, e trabalhar sem intermissão, que nos havemos de ver com Deus em sua glória.» A mesma esperança que o certificava desta maneira da futura posse das delícias celestiais causava nele uma confiança extraordinária de que jamais lhe podiam faltar as coisas terrenas. Isto se viu com mais claridade quando, sendo prelado, chegou seu convento a uma extrema necessidade do alimento necessário para a manutenção de seus súditos. Seu principal cuidado nestas ocasiões era multiplicar a oração e as penitências, sabendo que, buscando primeiramente o reino de Deus, todas as coisas temporais estavam ao cuidado de sua divina

Providência. Costumava dizer a este propósito estas notáveis palavras: «Contanto que nós sirvamos a Deus de verdade, enviar-nos-á Sua Majestade o sustento por cima das taipas.» Jamais se viu enganada nesta matéria sua esperança, ainda quando todas as razões da prudência humana persuadiam o contrário. Sendo ministro de Valladolid, empreendeu a custosa obra de alargar a igreja, não tendo a esse tempo o convento nem mais cabedal que doze reais, nem rendas suficientes para o preciso sustento dos religiosos. Contudo, principiou e concluiu a obra com a maior perfeição; e, sucedendo um dia achar-se sem dinheiro para pagar os oficiais, foi a ele o porteiro, a cujo cargo estava a paga, a dar-lhe esta notícia muito triste e desconsolado; mas o santo, que confiava mais em Deus que em todos os meios humanos, respondeu com uma aprazível serenidade: «A cargo de Deus está; ele proverá, e os oficiais não se irão sem dinheiro.» Verificou-se assim; pois, chegando à portaria um ancião venerável, de quem não se pôde saber jamais o nome, entregou ao porteiro uma grande quantidade de dinheiro com que se socorreu aquela urgência, e ficaram providos por muitos dias.

Sua fé viva e sua firme esperança coroavam-se com a rainha das virtudes, que é a caridade. Esta sublime virtude, que reúne em si todo o cumprimento da lei, foi o caráter distintivo do bem-aventurado frei Miguel dos Santos. Abrasava-se nela com tão veementes incêndios que mais parecia um verdadeiro serafim que um puro homem. A caridade causava nele aqueles êxtases e arroubos que o alienavam de seus sentidos e pareciam convertê-lo em cidadão do céu. A caridade o atava de tal modo ao coro, à igreja e aos divinos ofícios que parecia deixar ali a alma quando suas obrigações precisas o forçavam a separar-se. A mesma virtude o trazia exalado pelos hospitais e pelos cárceres, buscando os miseráveis necessitados para ajudá-los, consolá-los e socorrê-los. Não se limitava sua caridade aos socorros temporais, mas principalmente se dirigia aos do espírito. Logo que tinha notícia de que alguma pessoa vivia relaxadamente ou que por qualquer outra causa necessitava de auxílios espirituais, fazia-se encontradiço com ela e, com um santo artifício, os suministrava de maneira que lograva ganhá-la para Deus. Sua caridade, finalmente, era tão veemente e tão ativa que até ao mesmo corpo material comunicava seus ardores em tanto grau que, ainda nos dias mais rigorosos do inverno, desejava refrigerar-se lançando-se num tanque gelado. Pela deposição de Marcos González, criado do colégio de Baeza, consta que, chegando alguma vez a falar ao bendito padre no mais cru do inverno, saía de seu corpo um calor tão ativo que não se podia sofrer senão a determinada distância; mas que muito que percebesse estes assombrosos efeitos da caridade em que a alma do santo se abrasava um corpo que também a praticava em todos os dolorosos sacrifícios de penitência que fazia com ele por amor de seu Senhor Jesus Cristo? Já fica dito a quanto rigor chegava a mortificação deste servo de Deus desde sua terna idade até os anos provectos de sua vida; mas, quando estes chegaram, causa admiração e até horror considerar as estranhas penitências e asperezas rigorosas com que mortificava seu corpo para sujeitá-lo ao espírito. Seus jejuns eram tão extremados que não se contentava com privar-se do uso de carne, usando somente de pão e água, ervas ou frutas, mas às vezes passava dois, quatro e até oito dias sem mais alimento que o espiritual da Eucaristia, com que se sustentava sua alma, confortando ao mesmo tempo seu corpo. Suas vigílias eram contínuas; e, na hora e meia que destinava ao sono, era mais o tormento que o descanso que recebia. Sua cama era o duro chão ou uma tábua nua, sem mais cabeceira que um pedaço de lenho. Quase todos os dias dava-se cruelíssimas disciplinas, em que deixava seu corpo chagado e o chão com charcos de sangue. Além disto, trazia uma mortificação contínua sobre si; mal havia membro em seu corpo que não tivesse seu particular tormento; os pés os trazia descalços ainda no

mais cru do inverno; suas pernas, coxas e braços estavam enfaixados com umas correntinhas de arame com pontas de ferro que se introduziam na carne. Cingia o corpo com uma corrente de ferro que lhe dava três ou quatro voltas. Sobre os ombros trazia umas chapas com pontas aceradas; e da mesma maneira estava guarnecida uma cruz com cento e cinquenta pontas que trazia cravada nas costas. Um conjunto de penitências tão assombroso chegou a lacerar seu corpo de maneira que todo ele era uma chaga; e, como o santo não fazia remédio algum, mas continuava sua penitência, chegaram a apodrecer-lhe as chagas de maneira que causavam um intolerável fedor. Já por isto, já por compaixão, deram os religiosos conta ao prelado, o qual, desatendendo as repetidas súplicas do bendito padre para que lhe permitisse continuar suas penitências, mandou-lhe suspendê-las e pôr-se nas mãos de um cirurgião para o restabelecimento de sua saúde. Mas, ó prodígios da divina misericórdia! O que não puderam conseguir do prelado suas súplicas, conseguiram de Deus suas orações. Pediu o santo Miguel a seu Senhor Jesus Cristo que não permitisse de nenhuma maneira que fosse tirada de suas costas aquela cruz e penitência com que de alguma maneira imitava a que Sua Majestade havia levado pelos pecados do mundo. Esta oração foi tão vigorosa e eficaz que, no mesmo instante em que o cirurgião foi descobrir-lhe as costas, ficaram estas tão sãs como se não tivessem tido ferida alguma, e convertido o fedor numa fragrância superior à dos mais olorosos aromas.

À proporção desta heroicidade nas virtudes referidas foi o grau em que obteve todas as demais que concorrem para formar um justo, prevenido de Deus com suas bênçãos desde sua infância; um varão cortado à medida do coração de Deus; um santo, enfim, perfeito, que possuiu em grau heroico todas as virtudes. Sua humildade era profunda, sua caridade ardentíssima, viva sua fé, firme sua esperança, invencível sua fortaleza, resignada sua obediência, sua castidade angélica, sua pobreza suma, sua penitência admirável, altíssima sua contemplação e superior a todo humano discurso o cúmulo de suas virtudes. Premiou-as Deus ainda nesta vida, adornando-o com muitos dons. Teve o de profecia, com o qual predisse muitas coisas antes que sucedessem; o de discrição de espíritos; e o singularíssimo de mover com sua intercessão a onipotência de Deus a explicar-se com mil efeitos milagrosos em benefício de seus próximos. Mas o mais particular entre todos foi aquele dom de caridade ardentíssima com que amava tanto a Deus que saía de si mesmo, arrebatando-se em uns êxtases tão fervorosos que um deles o debilitou de maneira que foi o princípio da enfermidade com que se acabou sua ditosa vida. Pregava um dia em Valladolid e chegou a enfervorizar-se tanto que se arrebatou num êxtase maravilhoso. Este foi tal que pôde dizer com a Esposa que havia adoecido de amor, pois correu por suas veias um ardor tão aceso que do púlpito o levaram à cela enfermo e não voltou a sair dela senão morto. No discurso de sua enfermidade deu como um compêndio de todas as virtudes de sua vida, de maneira que parecia que naquele breve tempo queria recopilar quanta devoção, quanta virtude e quantos exercícios de piedade podem praticar-se em muitos séculos. Sofreu a enfermidade com uma invicta paciência, que dava que admirar a todos quantos o visitavam. Padecia uma sede ardentíssima, e que, segundo sua expressão, só podia tolerar-se por Jesus Cristo. E, com tudo isso, jamais se lhe ouviu pedir uma gota de água, nem dar uma queixa de suas dores, nem um suspiro, nem pedir o menor alívio ao enfermeiro. Solicitou saber um religioso muito espiritual e grande amigo seu o que pedia a Deus naquelas circunstâncias; e o beato Miguel, vencido de suas importunações, respondeu-lhe desta maneira: «Somente duas coisas desejo e peço a meu Deus: uma, que me faça sentir todas as dores e tormentos que os mártires e todas as criaturas têm padecido por Sua Majestade e padecerão até o fim do mundo; e a outra, que me comunique todo o amor com que o têm amado e

amam todas as criaturas do céu e da terra, para amá-lo com todo ele e tanto como o amam todas juntas.» Esta resposta manifesta bem o sublime grau de amor a que havia subido este santo, já que em nada se manifesta mais que nos tormentos que se desejam padecer pelo amado. Agravou-se a enfermidade e determinou-se dar-lhe o sagrado viático. Ao entrar o sacerdote com o adorável Sacramento em suas mãos, quis arrojar-se no chão para recebê-lo de joelhos, mas detiveram-no os religiosos. Pediu a estes perdão com muitas veras; encarregou-lhes a união e caridade fraterna; e por último mandou-lhes, com toda a autoridade de prelado, que, logo que morresse, enterrassem seu cadáver sem tocar os sinos, nem publicar sua morte, nem abrir as portas do convento até depois de lhe ter dado sepultura; razões que banharam em lágrimas a todos os circunstantes. Visitavam-no nesta última enfermidade as pessoas mais nobres e devotas que havia em Valladolid, a quem exortava ao desprezo do mundo e a cuidar de dispor suas almas para uma preciosa morte. Na noite da quarta-feira, 9 de abril, chegou a enfermidade a dar mostras de que lhe restavam poucos instantes de vida. Administrou-se-lhe a extrema-unção, a qual recebeu com tanta devoção e com tanto gozo que o viram sorrir muitas vezes. Por volta da meia-noite, estando cercado de religiosos que alternavam os suspiros com os salmos que rezavam, compôs o servo de Deus seu corpo com a maior decência; e, fixando seus olhos num crucifixo, entregou seu espírito ditoso ao Senhor, arrebatado das ternuras e afetos que lhe dizia. Sua gloriosa morte sucedeu entrado já a quinta-feira, dia 10 de abril do ano de 1625, aos trinta e três anos e meio de sua idade.

Sua morte comoveu a toda a cidade de Valladolid, sem que ficasse gente de nenhum estado ou qualidade que não acudisse a venerar o santo corpo. Grandes, títulos, cavalheiros, ouvidores, nobres, plebeus, homens, mulheres, jovens e anciãos, todos disputavam a ventura de beijar-lhe as mãos ou os pés, aclamando-o santo. Confirmou Deus esta voz verdadeira do povo, obrando então e depois muitos milagres em testemunho da santidade de seu servo, como os havia obrado em vida. Fez-se depois o processo, segundo a forma costumada, para provar suas virtudes em grau heroico e para a qualificação de seus milagres; e, tendo sido achado tudo isso à satisfação de nosso santíssimo Padre Pio VI e das congregações para este efeito determinadas, celebrou-se sua beatificação no dia 2 de maio de 1779, para honra de toda a nossa Espanha e para consolo e glória de toda a santa Igreja.

Martirológio Romano

Em Roma, Santa Zoé, mártir, esposa do mártir São Nicóstrato, que, presa no tempo de Diocleciano pelos perseguidores, estando fazendo oração diante da Confissão de São Pedro, foi encerrada num lôbrego calabouço; depois pendurada pelo cabelo e pelo pescoço de uma árvore, debaixo da qual fizeram uma grande fumaceira, rendeu o espírito ao Criador confessando o santo nome de Jesus.

Na Síria, a festa de São Domiciano, mártir, que com seus milagres fez tamanhos bens aos moradores.

Em Cirene, na Líbia, Santa Cirila, que no tempo de Diocleciano manteve por largo tempo nas mãos uns carvões acesos com incenso, temerosa de que, se os arrojasse, interpretassem a ação como sacrifício aos falsos deuses. Depois, dilacerada cruelmente, foi adornada com seu sangue para

reunir-se a seu Esposo.

Em Jerusalém, Santo Atanásio, diácono, que, preso pelos hereges por causa de sua adesão ao santo concílio de Calcedônia, depois de ter padecido toda espécie de tormentos, foi por último degolado.

Na Sicília, Santo Agatão e Santa Trifina, mártires.

Em Tomes, na Cítia, os santos mártires Marino, Teódoto e Sedofo.

Em Tréveris, São Numeriano, bispo e confessor.

Em San Severino, na Marca de Ancona, Santa Filomena, virgem.

Em Couserans, São Valério, primeiro bispo daquela cidade, segundo relação de São Gregório de Tours, o qual diz também que Teodoro de Couserans mandou edificar uma igreja magnífica sobre seu sepulcro e que se levou como relíquias uns pedaços de suas vestiduras.

Em Sens, São Paulo, bispo daquela cidade.

Em Paris, o falecimento do venerável Hugo de São Vítor, célebre por seus escritos e piedade.

Em Alexandria, São Arpotes, confessor.

Na vilazinha de Tiberino, perto de Selêucia, Santa Marta, viúva, mãe de São Simeão Estilita, o moço. No mesmo dia, Santo Atanásio de Trebizonda, monge do monte Atos, chamado Abraão antes de sua profissão. No Egito, São Sisoés, confessor.

Na Inglaterra, Santa Modwena, abadessa.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Misericors Deus, qui beatum Michaelem confessorem tuum morum innocentia, et mirabili charitate præstare voluisti; concede, quæsumus, ejus intercessione, ut a vitiis liberati, et igne tui amoris incensi, ad te pervenire mereamur. Per Dominum...*

Português: Ó misericordioso Deus, que vos dignastes adornar o bem-aventurado Miguel, vosso confessor, com inocência de costumes e uma caridade admirável, concedei-nos, por sua

intercessão, que, livres dos vícios e acesos em vosso amor, mereçamos chegar a gozar-vos. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 da Sabedoria (do Eclesiástico).

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. 11 Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: 8 Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. 9 Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. 10 Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: 11 Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Reflexões

As primeiras palavras da epístola deste dia, juntamente com os admiráveis exemplos e assombrosa inocência de vida que nos oferece hoje o beato Miguel dos Santos, dão motivo a umas reflexões que necessariamente hão de fazer estremecer as entranhas do cristão. *Bem-aventurado*, diz o Espírito Santo, *o varão que não teve mancha em toda a conduta de sua vida.* É preciso que esta expressão admire aquelas almas débeis que em todas as partes encontram tropeços e para quem a mais mínima ocasião é irresistível e decide absolutamente contra sua inocência. É possível, dizem estes, que entre as perturbações do mundo e entre os imensos perigos de que nos vemos cercados possa conservar-se um homem sem contrair mancha nem pecado em todo o discurso de sua vida? Tantos objetos como oferece o mundo, próprios para seduzir a inocência e levar atrás de si os sentidos; tantos artifícios como emprega o comum inimigo para sugerir a nossa alma ideias trocadas, que nos façam crer que o mau é bom e nos estimulem a segui-lo; tanta debilidade e miséria, enfim, como advertimos em nossa natureza, tanta rebeldia em nossas paixões, tanta viveza nos estímulos da carne: é crível que não hão de lograr alguma vez o triunfo sobre a inocência de nossas almas? Como é possível que se achem exemplares daquele varão justo que

delineia o Espírito Santo quando diz: *Bem-aventurado o varão que foi achado sem mancha?*

Se tivéssemos de estar, em matérias de espírito, aos ditames da prudência humana, acharíamos que o raciocínio precedente é justo e demonstrativo. Mas é preciso lembrarmo-nos de que a sabedoria do mundo e sua prudência são ignorantes diante de Deus. É preciso lembrar-se de que o Senhor tem dito que é estreita a senda que guia à vida e são poucos os que a acham. Deve-se, finalmente, refletir que todas aquelas coisas que têm aparências de impossíveis, atendidas as forças da natureza, são factíveis e fáceis para o poder onipotente da graça. O beato Miguel dos Santos oferece um exemplar em que se acreditam todas estas verdades. Em todo o discurso de sua preciosa vida conservou intacta aquela formosa inocência que recebeu no batismo. Formado de carne mortal como todos os demais homens, estava exposto a sofrer as mesmas contradições do mundo, do demônio e da carne que todos sofrem. Mas, temeroso sempre de desagradar a seu Deus; desejoso de lavrar-se, por meio da abnegação de si mesmo, uma coroa imarcescível que dura para sempre; e vigilante para frustrar as ciladas dos inimigos, achou o modo de conservar a preciosa joia da inocência, sem que na peregrinação de um vale de lágrimas jamais tivessem podido roubar-lha os ladrões que o infestam. Mas se deve refletir que tudo isto o conseguiu estando sempre em vigília, sempre em oração, sempre mortificado com o açoite e o jejum, vivendo crucificado e despedaçado com cilícios em suma pobreza, e feito vítima, enfim, do amor de Deus e do próximo. Eis aqui a senda por onde se caminha para a vida; eis aqui o meio único para conservar-se toda a vida sem mancha; e eis aqui, finalmente, a escada por onde se sobe a receber a palma e a coroa de bem-aventurado que promete o Espírito Santo ao inocente.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que,

quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. [37] Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. [38] E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. [39] Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. [40] Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Sobre a necessidade das boas obras

Primeiro ponto

Considera que as boas obras, isto é, a prática das virtudes cristãs, é tão necessária para a consecução da vida eterna que sem ela nem podes ser feliz nem podes dar abrigo em teu coração a uma sólida esperança.

Deus, nosso Senhor, considerando que o ponto capital de toda a lei, e do qual deviam os homens estar bem persuadidos, consiste na execução de obras salutares e proveitosas para a vida eterna, manifestou sua divina vontade nas Escrituras santas para que não possa escusar-se o homem com a ignorância nem imaginar que pode ter outros meios de conseguir sua ventura. O obrar bem é uma obrigação, é uma necessidade, é uma condição precisa para cumprir a lei cristã, ou, por melhor dizer, é toda a substância da lei. Não há mortal algum que possa salvar-se sem a execução das virtudes cristãs, já porque delas impôs Deus um preceito, já também porque são um meio tão necessário que sem ele é absolutamente impossível conseguir o fim. Cristo, nosso bem, dizia no Evangelho (Mt 7): *Toda árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo.* E no capítulo 5 de São Mateus promulga a lei de que não entrará no reino dos céus aquele cuja justiça não for maior e mais copiosa que a dos escribas e fariseus. Para este efeito se faz indispensável o exercício das boas obras, não por vaidade nem para manter com elas um fingido caráter de piedosos que nos faça hipócritas, como sucedia aos fariseus, mas com pureza de intenção e com desejo de agradar a Deus unicamente, que é o espírito que as vivifica e as faz proveitosas para a vida eterna. Nada importa que nosso misericordioso Deus nos tenha preparado todos os meios oportunos para nossa santificação: inútil será para nós toda a preciosa vida de nosso Redentor e sua paixão sacrossanta, se não nos aplicamos seus frutos por meio de nossas boas obras. Por isso São Pedro (2Pd 1) admoesta os fiéis que ponham grande esmero e cuidado em fazer certa sua vocação e eleição por meio das boas obras.

Porque de que nos servirá ter recebido da misericórdia de nosso Deus o incomparável benefício de ter nascido entre os que adoram seu santo nome e professam a lei evangélica, se não nos manifestamos agradecidos, executando seus preceitos com nossas boas obras? Que importará que levemos o nome de cristãos e que tenhamos recebido no batismo um selo indelével que o acredita,

se nossas operações o desmentem e convertemos esta graça num novo motivo de fazer mais penosa e terrível nossa condenação eterna? De que nos aproveita ter entre nós tantas espirituais medicinas, como são os sacramentos, se malogramos sua divina virtude e frustramos sua eficácia, ou com obras contrárias ou, ao menos, com uma culpável inércia? Obras boas, cristão, obras boas são as que te farão digno deste nome. A mesma fé que te foi infundida no batismo pelo Espírito Santo fica morta e sem proveito se lhe falta o vigor, o espírito e a vida das boas obras.

Segundo ponto

Considera que, ainda depois de estar persuadido da necessidade de manifestar com a prática das virtudes que não é em ti uma sombra ou fantasma a profissão de cristão, deves advertir que há muitos enganos na execução das boas obras, os quais deves evitar com cautela para não as tornar infrutuosas.

Um destes enganos ou erros, talvez o mais prejudicial de todos, provém do amor-próprio, pelo qual cada um se inclina facilmente àquelas ações que são, segundo seu gênio, mais adaptadas a seu humor e em cuja execução costumam estar escondidos seus interesses. Há pessoas que se entregam com grande intenção a certas devoções e exercícios piedosos, descuidando ao mesmo tempo de outras obras em que consiste o mais sólido e substancial da verdadeira piedade e da religião. Há gênios tétricos e austeros que se empregam com gosto na abstração, na mortificação e na penitência, esquecendo o preceito da caridade e um verdadeiro arrependimento das desordens de sua vida passada. Há pessoas que se contentam com certas práticas de devoção, que são voluntárias, assistindo a todas as novenas, a todos os sermões e a outros exercícios piedosos, descuidando as obrigações precisas de sua família, a educação de seus filhos, a vigilância de seus criados e a devida administração dos bens que lhes confiou a Providência. Finalmente, há cristãos que vivem seguros e numa paz tranquila, frequentando os sacramentos e praticando muitas devoções, mas mantendo-se ao mesmo tempo num ódio implacável contra seus inimigos, murmurando de seus irmãos e faltando às obrigações mais essenciais da religião.

Todos estes devem considerar que vivem enganados. As obras de supererrogação, os exercícios piedosos que são meramente de conselho são certamente muito santos e proveitosos, e sua prática sumamente útil ao cristão; mas devem recair sobre o cumprimento dos preceitos e supor cumpridas todas as obrigações de seu estado, porque de outra maneira semelhantes obras são infrutuosas e inúteis para a vida eterna. Por isso diz Deus (Ap 3) ao pecador: *Não encontro que tuas obras sejam completas.* E em outra parte (Dn 5): *Pesei tuas obras e te achei falto.* A perfeição cristã não pode verificar-se enquanto não se encontrem completas e cabais todas as causas, todos os requisitos necessários para ela; e assim se diz muito bem que para constituir o mal basta qualquer defeito. E, na verdade, cristão, como podes pretender que tuas obras sejam agradáveis a Deus quando só as executas para satisfazer a teu humor, a teu gênio, a teu capricho? Como te persuades de que possa comprazer-se do que fazes por tua eleição quando desprezas o que ele manda fazer pela sua? Como é possível que te conceda a bem-aventurança por umas devoções em que não intentas outra coisa que satisfazer a teu amor-próprio; por uma assistência aos templos que não tem outro fim que livrar-te do recolhimento de tua casa e sacudir o jugo das obrigações de

teu estado? Deus é sumamente sábio e não se lhe pode enganar. Seus divinos olhos penetram o íntimo segredo de nosso coração e a medula de nossas intenções. Por consequência, não lhe podem ser agradáveis senão umas obras sem defeito, nem pode dar as eternas recompensas senão àquele que cumpra exatamente sua lei, fazendo que o nome de cristão signifique nele uma profissão de justiça, cujas obrigações cumpra perfeitamente.

Jaculatórias

> *Unusquisque propriam mercedem accipiet secundum suum laborem.* 1Cor 3.

Sei muito bem, Deus meu, que cada um há de receber o prêmio segundo o mérito das obras que nesta vida tenha praticado.

> *Non ego, sed gratia Dei mecum.* 1Cor 15.

Mas, não bastando minhas forças para fazê-las proveitosas para a vida eterna sem os auxílios de vossa divina graça, dai-ma, Senhor, com aquela abundância e eficácia com que a comunicastes a vossos servos.

Propósitos

Persuadido de que não serás verdadeiramente cristão enquanto não o testificares com as obras; de que estas são essencialmente necessárias para conseguir a eterna ventura; e de que em sua execução podem misturar-se perniciosos erros que as inutilizem, deves propor-te os meios para evitar estes males e conseguir os suspirados bens. Não te basta ser cristão para ser participante dos bens de Jesus Cristo, já que, chegado ao uso de razão, não se te oferece a pátria celestial como uma herança somente, mas também como prêmio ou coroa. Nesta suposição, sendo certo o que diz o Espírito Santo, que não será coroado senão o que pelejar devidamente, o é também que não se te dará uma eterna felicidade por recompensa enquanto tu não a merecires com tuas obras. Para este efeito examina toda a tua vida e estabelece o grande edifício de tua salvação sobre fundamentos sólidos. Se encontras em tua consciência que foste ingrato a teu Deus quebrantando seus preceitos, principia por um verdadeiro arrependimento que volte a tua alma a graça que perdeste, lavando com lágrimas de compunção as feias manchas que lançaste sobre ela. Forma um propósito irrevogável e firme de não esquecer jamais as obrigações que te impõe a sacrossanta lei de Jesus Cristo. Mas no cumprimento desta deves atender antes de todas as coisas à observância de seus preceitos essenciais. Amar a Deus e ao próximo, e cumprir as obrigações que te impõe teu estado, é o primeiro objeto a que deve encaminhar-se tua atenção. Os exercícios

piedosos de devoção são como um orvalho celestial que conserva o verdor e a exuberância das virtudes. Mas deves usar de uma santa economia neles, de maneira que não os faças ser o principal objeto de um cristão. Com estes exercícios se conserva a caridade, se aviva a fé, se fortalece a esperança, se consolida a humildade cristã e se enche a alma de um afeto verdadeiro à virtude e de um ódio implacável contra o vício. A mortificação, o jejum, a frequência de sacramentos, a esmola, a visita dos templos, o ouvir a palavra de Deus e o procurar a consolação de tua alma, ganhando as graças e indulgências que dispensa o vigário de Jesus Cristo, são coisas sumamente úteis e até necessárias para manter uma vida inculpável e fervorosa. Mas assim como não deves jejuar com prejuízo de tua saúde nem dar tanta esmola que deixes tua mulher e teus filhos na indigência, da mesma maneira deves regrar as demais obras de piedade com tal prudência que não toquem no excesso, porque em tal caso faltarás à lei e injuriarás a virtude, que ama um meio entre dois extremos. Se assim o fizeres, tuas obras serão agradáveis a Deus, serão regradas pelas leis do Evangelho e proveitosas para a consecução da vida eterna.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:57 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:57 by Admin